

Imaginário e literatura infantil – imagens e simbolismos

Iduina Mont'Alverne Chaves*

Resumo

O texto apresenta uma retrospectiva histórica da literatura no Brasil com destaques para o imaginário evocado a partir dos textos literários produzidos desde o século XV até hoje, o qual pode ser, em linhas gerais, assim descrito: a) no século XVI, a imagem paradisíaca/a fascinação do novo; b) no século XVII, o jogo das aparências; c) no século XVIII, a idéia da independência; e (d) no século XIX, a radiografia da alma humana. Em seguida, este artigo destaca os escritores de maior expressão na Literatura Infantil no país, chegando à discussão sobre as experiências desenvolvidas, em escolas brasileiras, com livros de Literatura Infantil. Em síntese, mostra que o texto literário deve ser visto como um encontro entre o leitor e os personagens, que possibilita interpretações e desdobramentos de idéias e sentimentos. Reforça, ainda, a Literatura Infantil como ponte que liga as letras ao sentido, à análise, à interpretação, à realidade, ao sonho, à imaginação.

Palavras-chave: Imaginário. Literatura Infantil. Simbolismos.

Imaginary and Children's Literature – images and symbols

Abstract

The text presents a history of literature in Brazil with emphasis on the imaginary evoked from the literary texts produced since the fifteenth century until today, that may be, in general, thus described: (a) in the sixteenth century, the paradise/fascination image of the new; (b) in the seventeenth century, the game of appearances; (c) the eighteenth century, the idea of independence, and, (d) in the nineteenth century, the radiography of the human soul. Then, the article highlights the greatest and expressive writers of Children's Literature in the country, coming to the discussion on the experiences developed in Brazilian schools with books of children's literature. In summary, it shows that the literary text must be seen as an encounter between the reader and the characters and allowing interpretations and developments of ideas and feelings. It strengthens further, children's literature as a bridge linking letters to the direction, analysis, interpretation, reality, dream, and to the imagination.

Keywords: Imaginary. Children's Literature. Symbols.

* Professora Doutora no Centro de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Introdução

A literatura Infantil, sendo agente de conhecimento porque propicia o questionamento dos valores em circulação na sociedade, seu emprego em aula ou em qualquer outro cenário desencadeia o alargamento dos horizontes cognitivos do leitor, o que justifica e demanda seu consumo escolar.

(Regina Zilberman, 1985, p. 22)

Literatura Infantil não é uma Literatura menor. A Literatura é uma só.

(Iduina Mont'Alverne Chaves)

É necessário desejar que uma pedagogia venha esclarecer, senão ajudar, esta irreprímível sede de imagens e de sonhos.

(Gilbert Durand, 1989, p. 296)

Era uma vez... Num tempo...

Na minha infância, no sertão do Ceará, a Literatura Infantil esteve presente, pelas mãos de minha mãe, professora de português. Fui crescendo e lendo. Mais adiante, me tornei escritora de livros para crianças. Sou professora, com experiência em escolas de ensino fundamental, médio e superior. É a partir dessa experiência que me credencio para falar, aqui, sobre Literatura Infantil no Brasil, Imaginário e Escola. Tomo como base a experiência adquirida através do trabalho, em escolas brasileiras, com os livros da Coleção Beto e Bia e do livro *Quem Quiser Que Conte Outra*, de minha autoria e com outros autores (COZZI, CASTRO, MONT'ALVERNE, CHAVES, 2002). Esses foram escritos com a preocupação de ir ampliando, progressivamente, o universo lingüístico, afetivo, social e cultural das crianças ao abordar temas retirados do cotidiano infantil, partindo das relações familiares e de vizinhança, depois as escolares, chegando, assim, a um universo mais amplo, representado pela vida em comunidade. Os textos claros, poéticos e divertidos são contextualizados com situações reais vivenciadas por meninos e meninas que, como Beto e Bia, participam ativamente do mundo atual. A leitura das ilustrações permite que os pequenos explorem os múltiplos significados da imagem, dando possibilidade de uso, além da leitura das imagens, através da oralidade, dos recursos expressivos do desenho, da pintura, da modelagem, dos movimentos corporais. Escritos em 1986, a maioria deles foi resenhada e apresentada ao público leitor, num jornal de ampla circulação nacional, pela professora Eliana Yunes, já na época da publicação.

Nesse texto, faço, em primeiro lugar, uma breve retrospectiva histórica da Literatura no Brasil usando as contribuições de Eliana Yunes, com destaques para o imaginário evocado a partir dos textos literários produzidos desde o século XVI até hoje. Em seguida, focalizo a Literatura Infantil destacando os escritores de maior expressão no país, chegando, especificamente, à discus-

são sobre as experiências desenvolvidas, em escolas brasileiras, com livros de minha autoria já citados.

Nóbrega e Anchieta: da imagem paradisíaca à radiografia da alma humana

Para fazer uma reflexão sucinta, mas contundente em torno da Literatura e da história da Literatura no Brasil, incluindo a Literatura Infantil, é preciso recuar aos jesuítas que vieram com os primeiros colonizadores, com os governadores-gerais, que aqui chegaram nos primeiros trinta anos depois do descobrimento e cujos escritos podem ser considerados as primeiras manifestações literárias do país. Anchieta e Nóbrega apresentam tanto nas cartas quanto nos sermões, que são escritos ao Provincial da Ordem Jesuíta, em Portugal, uma espécie de relatório bem detalhado que revelava o profundo encantamento deles diante da natureza e do próprio comportamento do indígena.

Uma pequena passagem da obra de Anchieta (1560) revela esse momento:

[...] no tempo da primavera e do verão é muito grande a abundância das chuvas, como a temperar os ardores do sol, de maneira que vêm de manhã antes da força do calor ou à tarde, depois dele. Na primavera, que principia em setembro, e no verão, que começa em dezembro, caem abundantes e freqüentes chuvas com grande tempestade de trovões e relâmpagos. Há então as enchentes dos rios e as grandes inundações dos campos, tempo em que com pouco trabalho se toma entre as ervas grande quantidade de peixes que saem dos leitões dos rios para pôr os ovos, o que de algum modo compensa o prejuízo da fome que causam as inundações. (p. 6)

[...] Assim pois todos os calores do verão se temperam com a abundância de chuvas; mas no inverno (passado o outono, que começa em março numa temperatura intermediária) acabam as chuvas, e a força do frio torna-se mais aguda em junho, julho e agosto, tempo em que vimos com freqüência as geadas espalhadas pelos campos crestarem quase toda a árvore e erva, e a superfície da água coberta de gelo. Então os rios descem e baixam até ao fundo, de maneira que com as mãos se costuma apanhar entre as ervas grande quantidade de peixe. (p. 7)

Em entrevista com a professora Eliana Yunes sobre este tema, a conversa foi-se encaminhando para a discussão sobre o imaginário do país evocado a partir dos textos literários, o qual pode ser, em linhas gerais, assim descrito: a) no século XVI, a imagem paradisíaca/a fascinação do novo; b) no século XVII, o jogo das aparências; c) no século XVIII, a idéia da independência; e d) no século XIX, a radiografia da alma humana.

Essa *fascinação do novo*, (século XVI) tanto na cultura indígena autóctone quanto na natureza exuberante da nova terra, sentida pelos jesuítas que aqui chegavam, precisa ser revalorizada e mais estudada no Brasil. Esse *imaginário paradisíaco* do século XVI pode ser considerado como o primeiro momento da Literatura Brasileira.

O segundo momento que acontece no século seguinte, (século XVII) ocorre na Bahia, com a grande figura de Gregório de Matos. Constituiu-se a antítese do que escreveram Nóbrega e Anchieta - a crueza da realidade entre o pecado e a virtude, entre a justiça e a injustiça, entre o mando e o desmando com/sob a perspectiva do *desvelamento das aparências*. A obra desse autor, que é ainda pouco estudada, deve ser lida dentro de uma chave satírica, mas, segundo Eliana, *ela precisa ser vista dentro de uma perspectiva da história da cultura, cujos poemas, dos religiosos aos chamados satíricos, trazem uma história de como se deu uma aculturação da herança portuguesa, mesclada já na Bahia tanto com a cultura africana quanto com a cultura indígena*. Nesse sentido, esse outro imaginário aos poucos, vai saindo da imagem paradisíaca do século XVI e entra no século XVII, *coloca um pouco a nu a discussão do jogo de aparências, essencial da/na colonização*. Trago, como exemplo, o poema à *Donzela Embiocada*, de Gregório de Matos. (1992, p. 17)

A Donzela Embiocada
mal trajada, e mal comida,
antes quer na sua vida
ter saia, que ser honrada:
à pública amancebada
por manter a negra honrinha,
e se lho sabe a vizinha,
e lho ouve a clerezia
dão com ela na enxovia,
e paga a pena da lei:
esta é a justiça, que manda El-Rei.

Encaminhando nossa análise rumo ao século XVIII, podemos constatar que a Literatura Brasileira apresenta um outro estilo de imaginário ligado à idéia da libertação, da independência, da autonomia. É o período dos chamados inconfidentes mineiros, de Thomaz Antônio Gonzaga, de Alvarenga Peixoto – poetas que fazem uma poesia que, apesar de chamada pastoril, é uma poesia idílica, no sentido da existência de um encantamento pela novidade, pela possibilidade da gente brasileira ser uma nação. Pode ser considerado um movimento de recredenciamento, se analisarmos a obra de Gregório de Matos, da cultura que está sendo produzida, como reflexos de uma esperança de que o país se torne autônomo. Alguns versos de *Marília de Dirceu* exemplificam as afirmações:

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado;
De tosco trato, d' expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.

Tenho próprio casal, e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.
Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!
Quando a mulher à sombra do marido
Treme se via; quando a lei prudente
Zela o sexo do civil ruído;
Feliz então, então só inocente
Era de Luso o reino. Oh! bem perdido!
Ditosa condição, ditosa gente!

O imaginário do século XIX, por sua vez, tem como figura de proa o escritor José de Alencar que tenta oferecer ao Brasil Império, ao Brasil independente de Portugal, um passado em que se possa constatar que essas culturas foram mescladas, em que elas possam ser justificadas, sobretudo a cultura indígena, na sua interface com a cultura portuguesa. Esse imaginário praticamente se funde com o primeiro imaginário paradisíaco lá do século XVI – os índios considerados tão bons e tão nobres quanto os portugueses, apresentando virtudes e defeitos similares, e o país retratado à imagem das excelências vindas de ambos os lados. Daí os romances *O Guarani* e *Iracema* serem emblemáticos desse século, ao oferecer uma imagem idealizada do passado, que projeta um desejo de futuro, uma referência *pró-país*, construída imaginariamente nos seus romances. A radiografia da alma humana evocada nos textos de Machado de Assis é, também, representativa desse período.

Nesse ponto da história, entra a Literatura Infantil que começa a se delinear, no Brasil, na última década do século XIX e cuja herança não tem suas raízes no movimento romântico. Não se estabelece a partir do movimento idealizado por José de Alencar, mas sim vem de um outro tipo de revolução – a queda do Império e a ascensão da República. Sofre a influência do modelo europeu debatendo-se entre a importação pura e simples dos modismos literários e a tentativa de afirmação da nacionalidade (SANDRONI, 1987).

É importante lembrar, aqui, a presença dos chamados *fundadores da Literatura Infantil no Brasil* com as suas contribuições sob a forma de traduções das obras produzidas na Europa para o público infantil. A voz dentro da Literatura para se falar desse clima é a de Olavo Bilac, inspetor de ensino na época, escritor de poemas infantis que se tornaram um emblema do imaginário que os adultos tinham do que deveria ser a infância: um *imaginário também completamente idealizado, pedagogizado, moralizado*, o qual expressa a concepção de infância (do adulto) no começo do século XX. O modelo europeu que chegava ao Brasil através de Portugal, nesse primeiro momento da Literatura Infantil Brasileira, não foi apenas através dos contos de fadas, mas se voltava, também, para um projeto educativo e ideológico que apelava ao heroísmo, ao nacionalismo, à devoção e ao sentimento filial, incluindo a evocação da natureza rica, bela e opulenta. A seguir, transcrevo um poema:

Iduina Mont'Alverne Chaves

A Pátria
Ama, com fé e orgulho a terra em que nasceste!
Criança! Não verás nenhum país como este!
Olha que céu! Que mar! Que rios! Que floresta!
A natureza, aqui, perpetuamente em festa,
É um seio de mãe a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! Vê que vida há nos ninhos
Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!
Vê que grande a extensão das matas, onde impera
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!
Boa terra jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...
Quem com seu suor a fecunda e umedece,
Vê pago o seu esforço, e é feliz e enriquece!
Criança! Não verás país nenhum como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste! Bilac
(1949, p.17)

Os textos que são escritos por Júlia Lopes de Almeida, Alexina de Magalhães Pinto e Tales de Andrade, no final do século XIX, seguem, também, esse modelo moralizante. Há, nesse período, uma confusão entre livro para criança e Literatura Infantil, ou seja, há uma produção de livros para crianças visando uma concepção de criança e de educação a qual deveria ser implementada para uma classe burguesa em ascensão com modelos de comportamento idealizados, extremamente opressores e moralizantes, que traçam um perfil, um desejo em relação ao que deveria ser a educação das novas gerações. Olavo Bilac apresenta as suas poesias para crianças também num estilo muito próximo do Parnasianismo, que é um modo de fazer poesia extremamente pouco poético. Prevalcem os recados, as mensagens e a criação artística fica muito prejudicada. A Literatura Infantil, dentro da evolução da Literatura em geral, aparece tardiamente até a presença de Monteiro Lobato cuja obra de ficção apresenta características literárias.

Monteiro Lobato – o marco da transformação

O imaginário que vai preponderar nessa segunda década do século XX é uma tentativa de olhar, de rever e de reler a tradição e partir para um Brasil novo. Em sua correspondência com Godofredo Rangel, Lobato delinea o ideal de Literatura Infantil no Brasil e sugere a necessidade do uso de uma linguagem que interessasse à criança, linguagem original e criativa permeada de debates sobre temas públicos contemporâneos ou históricos e na qual deveria sobressair a busca do coloquial brasileiro, antecipatório do modernismo (SANDRONI, 1987).

O imaginário de Lobato respeita a criança como um ser sensível, curioso, sendo a infância atravessada de travessuras, de dificuldades e de problemas. Surgem personagens crianças que conseguem e podem falar de assuntos

como guerra, morte, divórcio, quer dizer, há o realce do respeito à condição da infância como participante efetiva do desenvolvimento, não só da sua condição humana, mas também do desenvolvimento social. Isso pode ser visto no seu texto *Reinações de Narizinho* (1921) com o lançamento do *Sítio do Picapau Amarelo* e seus personagens: através de Emília, Lobato diz tudo o que pensa; na figura de Visconde de Sabugosa critica o sábio que só acredita nos livros já escritos; Dona Benta é o personagem adulto que aceita a imaginação criadora das crianças, admitindo as novidades que vão modificando o mundo; Tia Nastácia é o adulto que vê, no mundo que é desconhecido, o mal, o pecado; Narizinho e Pedrinho são as crianças de hoje, de ontem e de amanhã, abertas a tudo, que desejam ser felizes (SANDRONI, 1997, p. 50-56).

Dessa forma o Sítio, segundo Lajolo e Zilberman (1985, p. 56)

[...] não é apenas o cenário onde a ação pode transcorrer. Ele representa uma concepção a respeito do mundo e da sociedade, bem como uma tomada de posição a propósito da criação de obras para a infância. Nessa medida, está corporificando, no sítio, um projeto estético envolvendo a literatura infantil e uma aspiração política envolvendo o Brasil – e não apenas a reprodução da sociedade rural brasileira.

A respeito da simplicidade da linguagem usada por Lobato e marcada pelo coloquialismo e brasileirismos de agradável leitura, Eliana Yunes diz:

[...] a obra de Monteiro Lobato oferece justamente uma interessante dualidade de produção, uma vez que dirigida intencionalmente a crianças considera as características dessa faixa etária quanto a temas, interesses e linguagem, sem, contudo, se descuidar do índice ficcional, articulado sobretudo através de situações originais não-conformistas e da criatividade lingüística [...]. A ludicidade não se ausenta em nenhum momento dos trabalhos do autor, capaz de surpreender por sua linguagem, ainda hoje. Tampouco a relação catártica desaparece, e, sendo compromisso com a história, reflete a sociedade ora de modo crítico, ora de forma a endossar alguns valores (SANDRONI, 1997, p. 50).

Aí, o imaginário, tanto sobre a infância bem como sobre a sua educação, se altera profundamente. A reação às idéias de Lobato foi intensa e seus livros sofreram uma forte crítica religiosa – foram queimados e até proibidos de serem adotados e lidos nas escolas, embora Monteiro Lobato fosse uma figura respeitabilíssima, um nome consolidado. Lobato é, como vimos, o *marco da transformação* na Literatura Infantil no Brasil. O imaginário lobatiano influencia toda uma geração de novos escritores a partir da década de 1970 e esses são o parâmetro da diversidade que se espalha dos anos 1990 em diante.

Iduina Mont'Alverne Chaves

A Literatura Infantil Brasileira, assim, se desloca de um modelo herdado da Literatura Portuguesa e com Lobato alça vôo para uma autonomia, para um risco de educar com o lúdico, a experimentar linguagens que rejeitam os cânones universais, expressa o nesse trecho de *Reinações de Narzinho* (LOBATO, 1956, p. 199)

A moda de Dona Benta ler era uma boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo do Onça, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto, em língua do Brasil de hoje. Onde estava, por exemplo, “ lume” lia “fogo” . E sempre que dava com “ botou-o” ou “ comeu-o”, lia “ botou ele” e “comeu ele” – e ficava o dobro mais interessante.

Lobato mostrou, assim, uma outra vertente importante de ser assinada, ao fazer, no *Sítio do Picapau Amarelo*, filosofia com as crianças, ao discutir a vida, a guerra, o amor, o ódio. Era compromisso seu reler a tradição e resgatar a tradição para a infância, que não pode ser recebida como algo determinado, mas deve ser relida com criticidade, como ele faz nos rodapés das fábulas de La Fontaine, com a crítica da Emília (um dos personagens de suas histórias) e, enfim, ao longo de todo o seu trabalho.

Alguns escritores de Literatura Infantil expressam, nos seus textos, uma marca lobatiana forte.

Fernanda Lopes de Almeida, por exemplo, retoma a linha de ficção na qual realidade e fantasia se interpenetram.

Clara Luz era uma fada, de seus dez anos de idade, mais ou menos, que morava lá no céu, com a senhora fada sua mãe. Viveriam muito bem se não fosse uma coisa: Clara Luz queria aprender a fazer mágicas pelo Livro das Fadas. Queria inventar suas próprias mágicas.

A fada que tinha idéias, 1971, p.3

Glorinha era uma menina muito curiosa. A cozinheira não podia trabalhar sossegada.

- O que tem dentro da panela? – Por que você chora quando corta cebola?

As visitas não escapavam das perguntas de Glorinha.

- Por que a sua verruga tem cabelinho?

- Por que você tem dente de ouro?

A curiosidade premiada, 1991, p. 2-3

Ana Maria Machado, no seu texto *História Meio ao Contrário* (1978), usa a paródia para desmistificar clichês da linguagem oral tão ao gosto de Lobato.

De repente. O Rei entrou aos gritos, fazendo um escândalo real:

- Socorro! Acudam! Ladrões! Bandidos! Facínoras!
Biltres!
E continuou a gritar uma porção de palavras que a Princesinha não conhecia, e deviam ser terríveis palavras. Pelo menos era o que ela pensava, até que procurou no real dicionário e descobriu o que eram.

Lygia Bojunga trata, na sua obra, com originalidade e criatividade, de aspectos da problemática da sociedade atual tanto no aspecto das relações humanas como nas implicações psicológicas de que a criança é vítima.

Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequenininha, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não agüento mais o meu. Vontade assim todo mundo pode ver, não to ligando a mínima, Mas as outras – as três que de repente vão crescendo e engordando toda vida – ah, essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum.
A Bolsa Amarela, 2004, p. 9

Com Ziraldo, a cultura popular, através de suas raízes orais, é revalorizada e o folclore brasileiro aparece como uma temática importante e de destaque (*Turma do Pererê*, 1972).

Literatura Infantil na sala de aula: as crianças autoras

As profundas modificações pelas quais a sociedade contemporânea está passando, a diminuição das famílias, a instabilidade das relações conjugais, o enfraquecimento dos laços de parentesco e vizinhança, assim como o trabalho feminino fora do lar, têm reduzido enormemente o âmbito da socialização infantil, empobrecendo, de certa forma, o universo afetivo e o aprendizado da convivência em grupo. A escolarização precoce, suprimindo essas deficiências, torna-se, assim, uma exigência da vida moderna e exige uma política educacional de atendimento à criança que leve em conta a sua formação integral. Ressalto, por isso, a necessidade das crianças vivenciarem e participarem de múltiplas e formativas experiências lingüísticas.

Segundo Vygotsky (1998/ 2000), a linguagem se constitui num processo social, numa relação mediada pelo “outro”, possuindo duas funções distintas: a articulação interna dos pensamentos e a comunicação externa com as outras pessoas. Seu papel é, então, decisivo na constituição dos processos mentais. Ao adquiri-la, a criança incorpora novos e importantes aspectos à estrutura dos processos mentais que estão em desenvolvimento.

A estreita e inseparável ligação entre a fala, as condições de comunicação e as estruturas sociais determinam que a linguagem seja, como nos diz Bakhtin (1997), polifônica, ou seja, produto de múltiplas vozes e produtora de múltiplos sentidos.

E nossas escolas, como se relacionam com a (essa) linguagem, com o diálogo, com esta visão bakhtiniana? Como entendem e se relacionam com a Literatura? Como pensam a formação do leitor e do autor? E como entendem as relações entre Literatura e linguagem?

A Literatura pode, de certa forma, sintetizar, por meio dos recursos da ficção, uma realidade que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário porque fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando, pois, a conhecê-lo melhor. Desta coincidência entre o mundo representado no texto e o contexto do qual participa o leitor, emerge a relação entre ele e a obra.

No artigo *O texto não é pretexto* Marisa Lajolo (1993) destaca que um dos grandes equívocos escolares seria justamente a artificialidade com que o texto literário é tratado, sendo um pretexto para o ensino da gramática, um exemplo para o ensino da história da literatura ou de estilos literários ou como provocadores de redações, através de exercícios atrofiantes. Para a autora, essa forma de abordagem [...] “pode transformar-se num modelo e leitura redutora do que o texto tem de mais essencial” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1985, p. 53). Nesse sentido, ela corre riscos de servir aos sistemas de ensino, negar a leitura como fonte de prazer e fruição e representar um distanciamento das raízes lobatianas que ressaltam a ludicidade, a linguagem inovadora, o imaginário, o humor.

O uso da Literatura Infantil, em sala de aula, propicia o questionamento dos valores em circulação na sociedade (ZILBERMAN, 1985, p. 100), desencadeia o alargamento dos horizontes cognitivos do leitor e, no meu entender, contribui para a constituição do seu imaginário. Da coincidência, entre o mundo representado no texto e o contexto do qual participa o leitor, quero reafirmar, é que emerge a relação entre ele e a obra, abrindo possibilidades para sua própria autoria, para, no caso dos leitores iniciantes, a afirmação do seu processo de “letramento”, do ir-se tornando “letrado”, do ir-se tornando autor. (Letramento entendido como prazer, lazer, ler em diferentes lugares e sob diferentes condições; é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita). É usando a linguagem para inferir, generalizar, predizer, avaliar, tudo isso em um contexto social, político e econômico, que o indivíduo torna-se capaz de atuar num mundo em constantes transformações.

O contato com a Literatura Infantil se faz inicialmente através de seu ângulo sonoro: a criança ouve histórias narradas por adultos, podendo eventualmente acompanhá-las com os olhos pela ilustração. É essa última que introduz a epiderme gráfica do livro, de modo que a palavra escrita apresenta-se, via de regra, como o derradeiro elo de uma cadeia que une o indivíduo à obra literária. Contudo, tão logo ela se instala no domínio cognitivo do ser humano, converte-se no leitor, isto é, modifica sua condição. Portanto, é a posse dos códigos de leitura que muda o *status* da criança e a integra num universo maior de signos,

o que nem a simples audição, nem o deciframento das imagens visuais permitiam.

A esse respeito Eliana Yunes reforça que

Dessa prática quase exacerbada de chamar a atenção das pessoas de que o mundo não era natural, que o mundo é construído dentro da cultura e que ele precisa de uma interpretação, a gente veio buscando, no Pró-Ler, na aproximação com a leitura, considerada enquanto bem de herança escrita, ou seja, bem da tradição escrita. Então na escola, chegamos a valorizar e preconizar que a leitura tinha que ser um objeto de provocação do desejo, provocação do imaginário, provocação da expressão simbólica. Ou seja, as crianças tinham que encontrar uma imagem simbólica para dar conta do que elas sentiam, do que elas percebiam, do que elas sofriam diante de um texto, diante de um teatro, diante de uma música, diante de um palhaço, diante enfim, de um contexto. Por isso, a gente falava no Projeto de Leitura – Pró-Ler do esforço de “desescolarizar” a leitura, porque o modelo de leitura escolarizada é esterilizante, ele tem respostas prontas, ele tem interpretações fechadas, ele tem respostas que já estão definidas, antes das perguntas serem feitas. A interação entre leitor e texto é a mesma que se dá entre literatura e vida. Se a literatura não traz para sua vida perguntas que você responde com a sua experiência e com as outras múltiplas leituras que você tem, a função da literatura é ser medalha de intelectual e isso é muito pobre para uma herança extremamente rica. (Entrevista realizada no dia 04 de janeiro de 2006)

Entendo, também, a partir da interação social, da qual a linguagem é expressão fundamental, que a criança constrói sua própria singularidade. A este respeito, Bakhtin (1997) e Vygotsky (2000) consideram o homem/criança como um ser essencialmente social e histórico que, na relação com o outro, em uma atividade prática comum intermediada pela *linguagem*, se constitui e se desenvolve enquanto sujeito. Em outras palavras, o diálogo é considerado como o princípio constitutivo da linguagem .

Nesse sentido, os textos da Coleção Beto e Bia (1996) e do livro *Quem Quiser que Conte Outra* de minha autoria com Helena Chompré, Sylvia de Castro e Tânia Cozzi, dão oportunidade às crianças de estarem em constantes trocas dialógicas com as outras crianças do seu grupo, bem como consigo mesmas, uma vez que o diálogo é interior também, promovendo a articulação interna dos pensamentos. No dizer de Eliana Yunes, na entrevista já referida, o livro *Quem Quiser que Conte Outra*

[...] é um livro interativo que abre o imaginário da criança para pensar sobre o que ela leu e dizer de próprio punho, de própria voz o que ela cria sobre a herança que ela está recebendo sobre a cultura. Acho que isso é uma herança lobatiana, que é assim um percurso muito breve dos imaginários que impregnam a história das literaturas da infância do Brasil. Imaginário que emerge das trocas culturais, que tem um fundo coletivo, um fundo social, que pode ser buscado nas heranças inclusive mitológicas, tanto da tradição passada primitiva, quanto do imaginário contemporâneo que se articulam com as expectativas, os desejos, os sonhos de cada pessoa em particular.

A seguir, apresento os trabalhos de crianças (leitores iniciantes) de algumas escolas da cidade do Rio de Janeiro que adotaram a Coleção Beto e Bia e o livro *Quem Quiser Que Conte Outra* como projeto de leitura de um período letivo. Fui, juntamente com outras autoras, convidada para participar do momento de culminância do trabalho das crianças em um momento emocionante e gratificante para todas nós, incluídas as crianças e os professores, enfim, para todos que fazem a escola. Ficou claro que as crianças captaram o que o texto tem de mais essencial, podendo, assim, exprimir suas próprias interpretações a respeito das personagens e das situações vivenciadas por eles.

O livro *A Turma no Parque* (CHAVES, COZZI; CASTRO, 2000, p. 13) traz uma história que fala de uma formiga: “[...] Uns trazem a comida, outros a bebida, que vão ser bem divididas. Mas tem que ter cuidado com a amiga formiga...”. Usando o velho ditado *Quem quiser que conte outra* (2002), coincidentemente o título do outro livro, as crianças fizeram uma ligação imediata com a fábula de La Fontaine. Isso deu ensejo a que os menores se expressassem através do desenho e os maiores se posicionassem por escrito. Estas são construções de algumas crianças:

A Cigarra e a Formiga¹
A cigarra cantou o verão todo e ficou dura.
No inverno a cigarra foi pedir comida para a formiga.
– Amiga formiga, pode me dar um pouco de comida para eu sobreviver?
– Não te dou não porque você é preguiçosa.
– Por favor!
– Não!!!!!!
(Eduardo)
Eu achei essa história triste.
Eu venderia a comida para a formiga.
(Ádamo)
Eu gostei desta história porque eu achei legal e divertida. Porque mesmo que a cigarra cante, ela também tem que trabalhar.
(Mariana)

Iduina Mont'Alverne Chaves

formação dos professores coloque a Literatura num lugar de destaque. Temos algumas iniciativas interessantes como política pública de formação do leitor: "O escritor vai à cidade", da Biblioteca Nacional, o Projeto "Sala de Leitura", da Fundação de Apoio ao Estudante, a "Ciranda do Livro", da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, "A Paixão de Ler", da Prefeitura do Rio e as compras para o acervo das bibliotecas escolares conduzidas pelo Ministério da Educação. Ainda são ações restritas, mas, sem dúvida, ações significativas.

Finalizo afirmando que a Literatura Infantil é a ponte que liga as letras ao sentido, à análise, à interpretação, à realidade, ao sonho. O texto literário deve ser visto como uma "viagem" para que a relação entre ele e os leitores possa promover um diálogo prazeroso, um encontro entre o leitor e os personagens; para que possibilite interpretações e desdobramentos de idéias e sentimentos; para que todos partilhem o bem cultural que a leitura e a escrita representam. Porque isso é um direito de todos...

Referências

- ALMEIDA, F. **A Fada que tinha ideias**. São Paulo: Editora Cidade, 1971.
- _____. **A Curiosidade Premiada**. São Paulo: Editora Cidade, 1991.
- ANCHIETA, J. Carta ao Pe. Diego Laynes. 1560. Disponível em <www.novomilenio.inf.br/sv/svh024.htm> Acesso em: 15 dez. 2009.
- BILAC, O. A Pátria. **Poesias infantis**. 17. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1949.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BOJUNGA, L. **A Bolsa Amarela**. São Paulo: Livraria Agir, 2004.
- COZZI, T.; CASTRO, S.; MONT'ÁLVERNE CHAVES, I. **Beto e Bia** (Coleção). 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.
- _____. **Quem quiser que conte outra**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2002.
- _____. **Beto e Bia no dia-a-dia**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ed. Ática, 1993.
- LAJOLO, L.; ZIBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- LOBATO, M. **Reinações de Narizinho**. Editora Brasiliense, 1956.
- MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

- SANDRONI, L. **De Lobato a Bojunga**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1987.
- SOARES, M. **Letramento**: um Tema em Três Gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global Editora, 1985.
- ZIRALDO, A. **A turma do Pererê**. Rio de Janeiro: Editora Cruzeiro, 1972.

Notas

- ¹ A história “A cigarra e a formiga” do livro *Quem Quiser Que Conte Outra é a seguinte*: a cigarra cantou todo o verão. Não trabalhou. Ficou sem um tostão. No inverno foi pedir comida à formiga.
- Amiga formiga, me dá um pouco de comida?
 - No verão, o que você fazia?
 - Eu cantava, noite e dia.
 - Muito bem, pois agora cante também!

Correspondência

Iduina Mont’Alverne Chaves – Rua Senador Vergueiro 159 apto, 802, Flamengo – CEP: 2230-000
Rio de Janeiro (RJ).
E-mail: iduina@globo.com

Recebido em 17 de julho de 2009

Aprovado em 14 de setembro de 2009

